

ocre

salete de oliveira*

Rastros estridentes de mil vozes assumem a forma das massas invisíveis apontadas por Canetti, diluídas na figura do vento. As escadarias na porta do tribunal pululam em frequências díspares e rostos anônimos. Latas de alumínio, perfazem danças tortas e apressadas na água que corre no meio-fio da calçada, trombam com cigarros recém apagados e são, abruptamente, engolidas por bueiros imprevistos.

A espera escalda sob o sol. A espera encharca sob a chuva. A espera da vez sem vez reaparece no anônimo a ser catalogado, mapeado, esquadrinhado, inventariado. Mães sem dentes mastigam lanches vagabundos comprados do outro lado da rua, na fila excessiva de carnes e ossos dispostos na vasta espera da apoteose do procedimento. O açougue da formalidade. Crianças sobem e descem as escadarias, tornando brinquedo de graus gastos da hierarquia supérflua.

Sons de conversas entrecortadas, por dúvidas concretas de mulheres com seus filhos, invadem o ar saturado de amarelo ocre. A água do meio-fio cheira a mijo. Urina reluzente. Crianças cagadas desassossegam ao sol. O burburinho aumenta. Lá dentro um agente da lei grita, impassível, um a um o número das senhas. 'Diante da lei há sempre um porteiro' disse Kafka. Pela

* Sালেte de Oliveira é pesquisadora do Nu-Sol.

porta suntuosa e carcomida a fila se espreme e adentra pela antes larga e agora estreita passagem.

O coro de mil vozes bipartidas é esquadrejado por inúmeros corredores labirínticos do impossível cansaço do procedimento burocrático. Existências engolidas, digeridas, regurgitadas, evacuadas, pairam sob instrumentos de registro, identificação, violação, para melhor recontar uma verdade que já estava construída para fazer caber cada existência no interior dela. Não importa o que vibra, excede ou escapa. O julgamento individualizado deve ser capaz de outorgar a cada um o que de antemão é validado como universal. Esta é a cota que cabe a todos os mortos-vivos que acreditam na universalidade da lei e no direito de justiça.

A miséria da espera por trás de portas taciturnas eclode na miséria da sobriedade, na miséria que comporta qualquer tipo de esperança. A esperança, seja ela qual for, é desprezível, pois não passa do paliativo fugaz que anda de mãos dadas com o calmante perpétuo do compasso do perdão. O que era um problema pessoal e intransferível entre pessoas concretas se esfuma para virar adereço regular na abstração da rotina burocrática, com toda sua parafernália de atenuantes e agravantes perfilados nas mil fases de boletins de ocorrência, inquéritos, diligências, averiguações, provas e contra-provas, laudos médico-legais, representações, sindicâncias, apurações, testemunhos, pareceres bio-psico-sociais, alegações parciais, alegações finais, sentenças, encarceramentos, acórdãos desfavoráveis, manutenção de sentenças, sobre-encarceramentos.

O tribunal se alastra para muito além de seu território, sua porta de entrada, este beco sem saída, já era o pedaço ínfimo perpetuado no cotidiano em várias casas que reinventam o tribunal da família; em escolas que reconstroem o tribunal da instrução; no trabalho de cada um que edifica o tribunal da competência; na mídia que reedita o tribunal generalizado; na religião que santifica o tribunal da salvação; na universidade que descortina o

tribunal do esclarecimento; na polícia que legitima o tribunal da tortura; na prisão que refaz o efêmero acordo do tribunal na continuidade biológica; no Estado que coroa o tribunal do rebanho; na moral, toda e qualquer moral cuja sobrevivência se perpetua na certeza atroz e suave que começa lá onde se inicia a sujeição imperceptível da sintaxe amedrontada de cada um de nós — todas as vezes que se crê e que se quer fazer crer, que o prescritível tribunal é a sombra segura na fugacidade da vida.

O silêncio do tribunal, cheira a oco. Não há espaço para o vazio repleto de sons, mesmo sons silenciosos. É o oco dos ruídos que fala mais alto nos tribunais. Sem ruídos! Existências sobre-contadas no dedilhar de escritãs reimprimem falas descortinadas na santa confissão de todo dia. Muros de labirintos do processo formal legal. Tribunal-parede. Tribunal-parente. Tribunal-patente. Tribunal-ponte-que-leva-à-cruz. JULGAMENTO. Jugo do cimento de lodo. O lodo de códigos e leis. O lodo da moral. O trono da enorme bunda.

Texto extraído de *Política e Peste: Crueldade, Plano Beveridge, Abolicionismo Penal*. São Paulo, Tese de Doutorado em Ciências Sociais - PUC/SP, 2001.

resumo

A tradição do tribunal destinada a crianças e adolescentes, considerados infratores, no Brasil, reserva a estes a face moderna da transfiguração do julgamento justo parametrado por seu parceiro ideal: a assepsia da morte mensurável na proliferação da vida sob a égide da segurança. Adultos temem crianças porque as flechas arremessadas por elas incidem certas, lá e aqui, onde sobra bunda e falta cu.

abstract

The tradition of the tribunal directed to children and teenagers, considered transgressors, in Brazil, saves for them the modern profile of the transfiguration of just judgment, shaped for its ideal partner: the asepsia of death measurable in the proliferation of life under security. Adults are afraid of children because the arrows thrown by them reach accurately their target, there and here, where remains butt and lack ass.